

mudar
a

vida

publicação do graal

- um espaço de reflexão crítica sobre as correntes e movimentos sociais do nosso tempo

- um estímulo à criação de modelos alternativos de vida em sociedade

- um olhar de fé sobre o hoje e o amanhã da história que vivemos

CRISE DO SENTIDO

SINAIS DE MUTISMO

Confrontamo-nos dia a dia com o enorme mutismo criado pela nossa sociedade. Como havemos de falar uns com os outros do que verdadeiramente nos interessa, quando a grande máquina que racionaliza a nossa organização social fala por nós?

Tomado pela cadeia do trabalho, da televisão, pelos **slogans** espalhados nas paredes da cidade, pelos discursos ideológicos ou religiosos que lhe são alheios, o homem urbano vê-se literalmente cercado por uma linguagem de consumo, uma linguagem de produtos acabados que lhe são preparados num local a que ele é estranho e sobre o qual não tem qualquer poder. Já não é ele que fala. Fala-se dele. É-lhe dito o que é a felicidade ou a infelicidade, qual o sentido da vida, como ser bom cidadão, bom militante, bom cristão; mas ele nem sequer sabe o que pensa, nem por que faz o que faz, nem por que vive, nem quem é. Todos os caminhos que lhe são propostos estão sinalizados com sentidos proibidos, sentidos obrigatórios ou... sentidos giratórios.

«Vivemos num mundo onde a palavra está cada vez mais ausente; é-nos continuamente confiscada por interlocutores que desconhecemos. As tarefas são fragmentadas até ao limite, os serviços compartimentados impedem toda a comunicação. O peso das hierarquias burocráticas paralisa-nos. Podem passar-se meses sem se conhecer ninguém».

Estas palavras, dum grupo de empregados de escritório, tornam nítida a relação que há entre um código social fundado sobre a hierarquia vertical e a impossibilidade dum a palavra capaz de criar relações humanas.

O que efectivamente caracteriza a nossa sociedade é que ela se dirige a indivíduos agrupados por séries homogéneas (trabalhadores dum a unidade de produ-

ção, leitores dum jornal, consumidores, habitantes dum bairro, tele-espectadores...) e não a grupos cuja coesão resulte de comunicações directas diferenciadas e recíprocas.

Cada um tem de encontrar o seu lugar na empresa, na escola, no cinema ou no teatro, na igreja ou no partido, sem perder muito tempo a perguntar-se se o seu desejo de «outra coisa», de viver doutra maneira, está a ser satisfeito.

Deixar funcionar ou provocar uma comunicação horizontal e livre numa sociedade fundada em esquema piramidal corre o risco de fazer nascer, a longo ou a curto prazo, o desejo de tomar a palavra, de pensar pela própria cabeça, de produzir outras imagens da vida e das relações sociais. Ora isso é, sem dúvida, subversivo...

Romper com a identidade monolítica que caracteriza a nossa vida em grupo, deixando emergir a palavra pessoal, é um acto perigoso porque destrói os muros da separação, muda os lugares habituais, baralha as funções, quebra as conchas onde cada um se fecha — a família, a casa ou o carro acabados de comprar, a ideologia ou a igreja a que se pertence, as «crenças» várias que nos alimentam.

Todo aquele que não se limita a falar unicamente do lugar que lhe foi atribuído, segundo a imagem que o código social dominante lhe confere (a do seu grupo social ou religioso), arrisca-se a perder esse lugar, a ser marginalizado ou lançado para o vazio... Esse vazio pode, porém, converter-se no deserto onde brotam fontes de águas vivas e onde, no silêncio, é possível ouvir a voz dos mudos.

Yves Gernigon
in «Études», Fevereiro 1977

*Não ter nada.
 Não levar nada.
 Não poder nada.
 Não pedir nada.
 E, de passagem,
 não matar nada;
 não calar nada.
 Somente o Evangelho, como uma faca afiada.
 E o pranto e o riso no olhar.*

*E a mão estendida e apertada.
 E a vida, a cavalo, dada.*

*E este sol e estes rios e esta terra comprada,
 como testemunhas da Revolução já estalada.*

E mais nada!

*D. Pedro Casaldáliga
 in «Antologia Retirantes»
 Ed. Civilização Brasileira, 1978*

A PERDA DE SENTIDO

Ao imaginarmos o futuro que nos espera, no fim do século XX, sentimos-nos partilhados entre dois mitos contraditórios: a perspectiva de uma expressão ilimitada, que certas obras de ciência-ficção nos fazem imaginar em outros planetas, e o possível colapso da humanidade que os profetas da economia capitalista nos anunciam para antes mesmo do ano 2000. Entre a conquista vertiginosa dum universo sem limites e a morte da espécie, começamos a pôrmo-nos, de maneira concreta, a questão que outrora surgia como pura especulação: **Afinal, por que vivemos? Qual é, no termo do século XX, para cada indivíduo humano, para cada grupo, para cada sociedade, para a humanidade, o sentido da existência?**

Tudo é posto em questão a partir da base. As revoluções sociais e políticas, por mais necessárias que sejam, não são suficientes. O processo fundamental de dominação acaba sempre por voltar à superfície e por destruir uma parte dos benefícios adquiridos. Os progressos da ciência são demasiadas vezes postos ao serviço do poder dos mais fortes. No momento em que uma parte privilegiada da humanidade parece ter adquirido um alto grau de «bem-estar» material, de satisfação, outra metade morre de fome e as consequências trágicas do desequilíbrio do ambiente terrestre fazem-se sentir duramente. É com um sentimento de vertigem que olhamos os abismos que se cavam, à escala mundial e em cada sociedade, entre os ricos e os pobres, entre as gerações, entre os sexos.

Estará a humanidade inteira num impasse? Os debates sobre o crescimento, a poluição, o ambiente falam deste problema com angústia. As contradições existentes a nível económico, social, cultural são frequentemente denunciadas, mas nenhum sistema proposto para as resolver parece conduzir a um resultado satisfatório. Porquê?

Construir modelos, sistemas, por muito úteis que sejam, não permitirá nunca responder às questões que nos preocupam. O importante não é encontrar um sistema universal de explicação, dado que todos os sistemas têm uma vida efémera. O problema é sermos capazes de atingir os homens no seu caminho para o futuro, no movimento da sua história. O importante

é sabermos em que processos estamos envolvidos, como poderemos progressivamente orientá-los, segundo uma escolha deliberada. Não se trata de abrir, sob uma forma nova, um debate académico sobre o sentido da existência; trata-se de procurar novas relações quotidianas entre os homens e a natureza, o trabalho, os tempos livres, a arte, o amor, a poesia, a contemplação.

Não se pretende uma reflexão teórica no vazio, mas uma análise paciente de mecanismos que se encaixam uns nos outros, desde os pormenores do dia a dia até às decisões políticas e às interrogações filosóficas. Importa descobrir nestes mecanismos como é que cada indivíduo, cada grupo poderá livremente tomar parte activa na vida social e assumir conscientemente a sua existência, as razões que o levam a esperar e a viver.

A reflexão sobre o sentido da existência aparece assim ligado ao estudo das desigualdades das condições de vida, das lutas de classes, dos conflitos sociais, das transformações técnicas e económicas, e da génese, dentro dessas transformações, de novos interesses, novas aspirações, novos sistemas de valores, novas esperanças susceptíveis de ultrapassar as contradições existentes e de provocar as necessárias revoluções.

*P. H. Chombart de Lauwe
 in «La culture et le pouvoir»
 Ed. Stocky, 1975*

SER MASSA

O termo **massa** não é um conceito; é uma noção mole, viscosa. De resto, retrospectivamente, podemos aperceber-nos de que os conceitos de «classe», «relações sociais», «poder», «estatuto», «instituição» e o próprio conceito de «social» — conceitos que fazem hoje a glória das ciências autorizadas — nunca passaram de noções confusas às quais se convencionou atribuir um certo código de análise.

Querer especificar o termo **massa** é um contrasenso; é querer atribuir sentido àquilo que o não tem. Fala-se, por exemplo, da «massa dos trabalhadores». Mas a massa nunca é de trabalhadores, nem de qual-

quer outro sujeito ou objecto social. A massa não tem atributo, nem predicado, nem qualidade, nem referência. Nisso consiste a sua definição ou a sua indefinição radical. Ela não tem «realidade sociológica». Não tem nada a ver com nenhuma população **real**, nenhum corpo, nenhum agregado social específico. Qualquer tentativa para a qualificar não passa de um esforço para a transferir para a sociologia, arrancando-a à sua indistinção total, que faz dela um **neutro** (ne-uter), quer dizer, **nem um nem outro**.

Nas massas não há polaridade. É isso que explica o vazio e o poder destruidor que elas exercem sobre todos os sistemas — sistemas que vivem do afastamento e da distinção dos pólos. Nelas é impossível fazer circular o sentido: ele dispersa-se instantaneamente como os átomos no vazio.

A RECUSA DE SENTIDO

Qualquer que seja o seu conteúdo — político, pedagógico ou cultural — os meios de comunicação procuram a todo o custo transmitir sentido, manter vivo nas massas o **sentido**. Pode assim falar-se de um imperativo de «produção» de sentido que se traduz na tentativa constantemente renovada de moralização da informação: informar melhor, socializar melhor, elevar o nível cultural das massas, etc. Os resultados estão à vista: as massas resistem escandalosamente a este imperativo e recusam todas as formas de informação racional.

Pretendem fornecer-lhes **sentido**, elas preferem o espectáculo. Nenhum esforço consegue convertê-las à seriedade dos conteúdos, nem mesmo à seriedade do código. Procuram transmitir-lhes mensagens, elas contentam-se com os sinais e os estereótipos, idolatram todos os conteúdos desde que se traduzam numa sequência espectacular.

O que elas rejeitam é a «dialéctica» do sentido. E não vale a pena alegar que estão mistificadas — hipótese hipócrita que permite salvaguardar o conforto intelectual dos promotores de sentido. Pelo contrário, é em plena «liberdade» que as massas opõem aos meios de comunicação a sua recusa do sentido, impondo-lhes a sua vontade de espectáculo, como quem faz um ultimato. Elas farejam de longe o terror simplista que se esconde por trás da hegemonia ideal do sentido e reagem à sua maneira, rebatendo todos os discursos articulados e procurando uma única dimensão, irracional e sem fundamento: a dimensão do espectacular, onde os sinais perdem o sentido e se esgotam na fascinação.

Não se trata de uma mistificação, vale a pena repetir: trata-se de uma exigência, de uma contra-estratégia expressa e positiva, de um processo de absorção e de aniquilamento da cultura, do saber, do poder, do social. Processo que vem de longe, mas que assume hoje toda a sua envergadura e nos força a inverter todos os cenários recebidos: já não é o sentido a linha de força ideal das nossas sociedades, remetendo tudo o resto para segundo plano; pelo contrário, é o sentido

que se converte em acidente ambíguo e sem continuidade. É isto tanto para as sociedades como para os indivíduos: só episodicamente somos condutores de sentido. Em regra, somos apenas **massa**, vivendo de modo aleatório, aquém ou além do sentido.

PRODUÇÃO E CONSUMO

No fundo passa-se com o sentido o que se passa com qualquer mercadoria. Durante muito tempo o capital preocupou-se sobretudo com a produção de mercadorias, de bens, considerando o consumo como um adquirido. Hoje é preciso produzir consumidores, é preciso produzir a própria procura de bens e essa produção é infinitamente mais cara do que a produção de mercadorias. Do mesmo modo, o poder contentou-se, durante muito tempo, em produzir sentido (político, ideológico, cultural, sexual) e a procura seguia-se absorvendo a oferta e ultrapassando-a ainda. Havia falta de sentido e todos os revolucionários se ofereciam para produzir cada vez mais.

Hoje tudo mudou, já não há falta de sentido. O sentido produz-se por toda a parte e cada vez mais — o que faz falta é a procura. E é a **produção desta procura de sentido** que se tornou crucial para o sistema. Sem esta procura, sem esta receptividade, sem esta participação mínima no sentido, o poder passa a ser apenas um simulacro vazio e sem perspectiva.

Ora também neste caso a produção da procura é infinitamente mais custosa do que a produção do próprio sentido. No limite, pode mesmo dizer-se que ela não é possível; nem todas as energias do sistema bastariam para a conseguir. A procura de objectos ou de serviços pode sempre ser artificialmente produzida, a preços elevados mas acessíveis — o sistema já fez prova disso. A ausência de desejo de sentido ou de desejo da realidade não podem ser preenchidas; são um abismo definitivo.

As massas absorvem toda a energia social mas não a refractam. Absorvem todos os sinais e todo o sentido mas não o re-enviam. Absorvem e digerem todas as mensagens mas não participam. Atravessadas pelos fluxos e pelos testes elas **fazem massa, contentam-se** em ser boas condutoras dos fluxos, da informação, das normas, mas de forma indiscriminada, remetendo assim o poder à sua transparência absoluta. As massas calam-se como animais. Podem tentar sondá-las até ao limite, mas elas não dizem nem onde está a verdade (à esquerda? à direita?), nem o que preferem (a revolução? a repressão?).

Este silêncio é insuportável. É o dado desconhecido de qualquer equação política, o dado que anula todas as equações políticas. Toda a gente o interroga, mas não enquanto silêncio, sempre com o desejo de o fazer falar. Ora o poder da inércia das massas é insondável. Nenhuma sondagem o revelará.

Jean Baudrillard
in «A Pobreza das majoritês silenciosas»
Ed. Utopie, 1978

Amo toda a sabedoria, toda a verdade, toda a fome de justiça, todo o trabalho que dá felicidade, toda a alegria.

Amo a alegria dos amantes. Amo sumptuosamente a vida e danço por entre mundos inimigáveis.

Eu sou o fogo. Eu sou a luz. Sou o um antes de todo o número. Sou o outro antes de toda a diferença. Eu sou o dia. Eu sou a noite. Sou a sombra, o abismo, a voragem, a fonte original, o fundo dos fundos, o poço, o oceano: eu sou o dia.

Sou a palavra, o nome, o verbo, a razão para além da razão, a força geradora, as primeiras palavras, o começo antes de todos os começos: em mim tudo é nascimento.

Amo toda a loucura, todo o desejo desmedido de justiça, toda a esperança sem razão, toda a perseverança insensata, todo o ir para além dos limites impostos.

Amo a cólera, a grandeza, a magnificência, a força, o poder nu do Criador. Eu sou a paz. Em mim só há doçura. Creio, espero e suporto tudo. Eu sou o amor. Amo a alegria e a dor do amor.

Qual é o meu sinal? Um certo cambiante da ternura, um matiz no tom mais subtil da ternura humana, um nada, um não sei quê, o amor louco na sua discrição perfeita.

Aceito tudo. Aceito o grito, aceito o horror e o silêncio e o esquecimento e a porta que se fecha sobre mim e as trevas e as loucuras. Aceito a carne morta, o coração de fel, os pensamentos podres. Aceito a oferta insignificante, o ramo de urtigas, o pedaço de côdea, o prato de lentilhas ressequidas. Aceito tudo.

Eu sou as lágrimas. Eu sou a paz. Eu sou a dor do mundo.

Eu sou nada, o nada, o ausente, o inatingível. Sou o vazio no vazio, o nada do nada. Sou para além das palavras, para além do mundo, para além de tudo.

Eu sou os olhos, a mão, a carne. Sou o pão, o vinho, o óleo e a água e os pés do caminhante infatigável divagando fora de todos os caminhos sobre o grande lago amargo.

Eu sou a alegria pura, a alegria celeste, sou a glória, a respiração, a carne viva, a aurora da iluminação, a presença inviolável, a génese permanente do espanto.

Qual é o meu sinal? Um não sei quê entre as mãos, no rosto, nos lábios, quando desponta do coração a primeira bondade, o grande respeito, o amor que se esquece a si mesmo.

Eu sou a paciência, sou o tempo, sou o amontoar de histórias sucessivas, sou a continuação, sou o começo, sou o tudo. Sou o mais distante, o horizonte dos horizontes, o esquecido, o inacessível.

Sou o imaginário. Sou a treva dos sentidos. Sou a noite do espírito. Sou a criança, o jogo, o prado verde onde sabe bem rebolar. Sou a idade, a antiguidade, o tesouro enterrado há muito tempo. Sou a infância e a juventude do mundo.

Sou o esplendor de tudo. A plenitude, a recapitulação, a recuperação, a soma, a esfera, o tudo em todos. Eu sou o ínfimo, a brecha imperceptível, o desvio que se não vê, a diferença esquecida, o desconhecido, a pedra abandonada pelos construtores, o rebotalho, o homem atirado para fora da cidade, o caixote do lixo dos supliciados.

Eu sou o pai e a mãe. Sou nascimento. Sou o vencedor da morte, mais que o eros e mais que o desejo. Sou a violência tão doce que fulmina. Sou o terapeuta infatigável.

Sou a maior loucura, sou a loucura extrema, a penetração da noite, o dar à luz da aurora, a génese do impensável. Sou o espírito da carne, a alma do mundo. Sou o inacessível, o inadmissível, o impossível.

Sou a fraqueza absoluta, a miséria, a fome, o luto, o abandono, a glória. Sou o que dá a vida, o que dá a glória, o que dá o dom, o pai bom, a mãe cheia de ternura.

Sou o ouro puro, a pérola rara, o sétimo céu, a vida sem fim. Eu sou o homem: ecce homo.

Maurice Bellet
in «Le lieu du combat»
Desclée, Paris 1976